



UFRJ



Faculdade de Letras
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

TÓPICOS SOBRE A SEMÂNTICA DE ‘QUALQUER’

Bruno de Souza Medeiros

Rio de Janeiro

2022

BRUNO DE SOUZA MEDEIROS

TÓPICOS SOBRE A SEMÂNTICA DE ‘QUALQUER’

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português / Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Paula Quadros Gomes

RIO DE JANEIRO

2022

CIP - Catalogação na Publicação

MM488t Medeiros, Bruno de Souza
Tópicos sobre a semântica de 'qualquer' / Bruno de
Souza Medeiros. -- Rio de Janeiro, 2022.
45 f.

Orientadora: Ana Paula Quados Gomes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Espanhol, 2022.

1. indefiniteness. 2. free choice. 3.
quantifiers. 4. Semântica Formal. 5. alternativas.
I. Quados Gomes, Ana Paula, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

BRUNO DE SOUZA MEDEIROS

DRE: 117231930

TÓPICOS SOBRE A SEMÂNTICA DE 'QUALQUER'

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português / Espanhol.

Data de avaliação: 07/03/2022

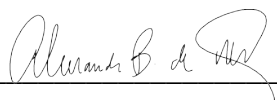
Banca Examinadora:



NOTA: 10,0

Prof.^a Dra. Ana Paula Quadros Gomes – Presidente da Banca Examinadora

Universidade Federal do Rio de Janeiro



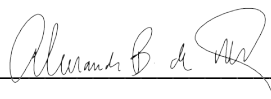
NOTA: 10,0

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 10,0

Assinaturas dos avaliadores:



À minha mãe, por ter sonhado tudo isso comigo.
À comunidade LGBTQIA+, por ter lutado para
que eu tivesse direitos de estar aqui.
Aos camaradas comunistas, pela luta por um
mundo mais justo.
Aos cientistas brasileiros, pelo trabalho de exce-
lência em condições tão precárias.

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Paula Quadros Gomes, pelos anos de orientação e pela supervisão deste trabalho. Por ser uma constante inspiração para mim e por me ajudar a pensar cada vez melhor.

Ao professor Alessandro Boechat de Medeiros, por ter aceitado ser o leitor-crítico deste trabalho.

Às professoras Adriana Leitão Martins e Isabella Lopes Pederneira por terem me orientado também na Iniciação Científica. Ao Jean Carlos da Silva Gomes e à Rafaela do Nascimento Melo Aquino por terem me coorientado.

À professora Leticia Rebollo Couto pela orientação na extensão. Minha experiência na extensão não teria sido a mesma sem a sua orientação. Eu tampouco teria independência para usar e falar sobre o espanhol sem suas aulas.

À minha mãe, Leila Gomes, e ao meu irmão, Luan de Souza, por todo o apoio (e pelos julgamentos de gramaticalidade pedidos aleatoriamente).

Às professoras e aos professores que tive e que pude conhecer durante a graduação na UFRJ, pela contribuição para a minha formação acadêmica.

Às amigas e aos amigos que estiveram comigo durante a graduação, por me incentivarem e me darem suporte.

Às companheiras e aos companheiros do Laboratório Lambda, do Indefinidos através das línguas, do Laboratório de Sintaxe e suas Interfaces e do Biologia da Linguagem, pelas contribuições e discussões de trabalho.

À Pró-reitoria de Políticas Estudantis 7 (PR7) e à Divisão de Assistência ao Estudante, pela concessão da bolsa-auxílio, que foi fundamental para que eu pudesse viver ativamente a graduação.

“Pois, no fundo, o que amedronta na doutrina que tentarei lhes apresentar não seria, exatamente, o fato de ela dar uma possibilidade de escolha ao ser humano?”

(Jean-Paul Sartre)

*“I didn’t ask to be born latina
Nomás te digo que tuve suerte”*

(Urias, em Peligrosa)

RESUMO

MEDEIROS, B. de S. **Tópicos sobre a semântica de ‘qualquer’**. 2022. 45 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

O indefinido ‘qualquer’ está relacionado a leituras do tipo depreciativa, de grau, de polaridade negativa, *free choice*, leitura específica e não-específica. O objetivo deste trabalho é identificar os contextos sintático-semânticos em que cada uma dessas leituras emerge e explicar os fatos sobre os dados.

Defendemos a existência de apenas um item ‘qualquer’, com semântica constante, mesmo quando em diferentes posições sintáticas (sujeito, complemento ou posição adverbial) ou diferentes configurações sintáticas (‘qualquer NOME’ ou ‘um NOME qualquer’).

Dentro do arcabouço teórico da Semântica Formal, adotamos a abordagem de Kratzer e Shimoyama (2002) a itens indefinidos, tais como *'irgeinden'* (alemão), para lidar com a distribuição e interpretação da livre escolha indefinida de 'qualquer'. Argumentamos que 'qualquer' continua a expandir seu domínio de quantificação até encontrar algo que o limite. Com base no trabalho de Carlson (1977), propomos que 'qualquer' tem um significado constante, e as diferenças que encontramos sobre a interpretação do número de indivíduos que um evento requer estão relacionadas com a imposições do predicado. Utilizamos a introspecção como uma metodologia para a análise qualitativa dos dados discutidos neste documento.

Palavras-chave: indefinitude, *free choice*, quantificadores, Semântica Formal, alternativas.

ABSTRACT

MEDEIROS, B. de S. **Topics about the semantics of ‘qualquer’**. 2022. 45 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

The indefinite ‘*qualquer*’ (Brazilian Portuguese) ('any') is associated with depreciative, degree, negative polarity, free choiceness, specific and non-specific interpretations. We aim to identify the syntactic and semantic contexts where each one of those readings emerges and, also, to explain the facts about the data.

We argue for the existence of only one ‘*qualquer*’ item with constant semantics even when in different syntactic positions (subject, complement or adverbial position) or different syntactic configurations ('*qualquer* NOUN' or '*um* NOUN *qualquer*').

In line with Formal Semantics, we adopted Kratzer and Shimoyama's (2002) approach to indefinite items, such as ‘*irgeinden*’ (German), to deal with the distribution and interpretation of the free choice indefinite ‘*qualquer*’. We argue that '*qualquer*' keeps widening its quantificational domain until it finds something that limits it. Based on Carlson (1977)'s work, we propose ‘*qualquer*’ has a constant meaning, and the differences we find about the interpretation of the number of individuals one event requires are related to predicate coercion. We used introspection as a methodology for the qualitative analysis of the data discussed in this paper.

Keywords: indefiniteness, free choice, quantifiers, Formal Semantics, alternatives.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES:

FIGURAS

Figura 1 – Mapa Implicacional.....	20
Figura 2 – Organização possível de um Mapa Implicacional	22
Figura 3 – Organização não prevista de um Mapa Implicacional	22
Figura 4 – <i>Continuum</i> de operações no domínio quantificacional	23
Figura 5 – Estrutura de semi-reticulado	28
Figura 6 – Ilustração das alternativas de ‘qualquer’ numa linha do tempo.....	41

QUADROS

Quadro 1 – Resumo da aceitabilidade de ‘qualquer’	36
Quadro 2 – Resumo do tipo de domínio associado a ‘qualquer’	36
Quadro 3 – Resumo das leituras associadas a ‘qualquer’	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. SEMÂNTICA FORMAL.....	14
3. SEMÂNTICA DOS MUNDOS POSSÍVEIS	17
4. REVISÃO DA LITERATURA	18
5. METODOLOGIA	26
6. MAPEANDO AS LEITURAS DE ‘QUALQUER’	27
6.1. SELEÇÃO DE INDIVÍDUOS	27
6.1.1. Interação com nomes massivos sem átomos naturais.....	29
6.1.2. Predicados distributivos vs. Predicados coletivos	30
6.2. TIPO DE SENTENÇA E POSIÇÃO SINTÁTICA (ARGUMENTAL)	31
6.2.1. ‘Qualquer N’ em sentenças genéricas	31
6.2.2. ‘Qualquer N’ em sentenças episódicas.....	33
6.2.3. ‘Um N qualquer’ em sentenças genéricas	34
6.2.4. ‘Um N qualquer’ em sentenças episódicas.....	35
6.3. INTERAÇÃO COM A NEGAÇÃO.....	37
6.3.1. Negação de ‘qualquer N’	38
6.3.2. Negação de ‘um N qualquer’	39
6.4. ‘QUALQUER’ EM SINTAGMAS ADVERBIAIS	40
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

Apesar de a Semântica Formal já estar consolidada como uma área de conhecimento, algumas línguas, como o português brasileiro (PB), ainda possuem o nível semântico pouco explorado. Um grande desafio nessa área tem sido o entendimento da expressão de quantificação nas línguas. Isso porque as línguas possuem diversas estratégias para expressar quantidades e nem sempre é fácil distinguir a diferença entre elas.

- (1) **Um homem** bateu em minha porta, e eu abri. (leitura cardinal)
- (2) **Um homem** bateu em minha porta, e eu abri. (leitura de indefinido)
- (3) **Algum homem** bateu em minha porta, e eu abri.
- (4) **Um homem qualquer** bateu em minha porta, e eu abri.
- (5) **Qualquer manual de semântica** faz uma introdução melhor que essa.
- (6) **Todo manual de semântica** faz uma introdução melhor que essa.
- (7) **Cada estudante** trouxe uma comida diferente para a confraternização.

As sentenças de (1) a (4) indicam que apenas um homem bateu na minha porta. No entanto, em (1), a estratégia usada é um numeral; em (2), usa-se um sintagma determinante indefinido (doravante apenas indefinido), assim como em (3). Em (4), usa-se uma combinação de dois indefinidos: ‘um’ e ‘qualquer’. Em (5) e (6), a denotação indica a totalidade de indivíduos em determinado contexto. Supondo um contexto em que há cinco manuais de Semântica diferentes, tanto (5) como (6) se referem aos cinco manuais. De mesmo modo, supondo que havia cinco estudantes na turma, a sentença (7) faz referência aos cinco alunos. Apesar de indicarem a mesma quantidade de indivíduos no mundo, as estratégias usadas nessas sentenças são diferentes: em (5), usa-se ‘qualquer’; em (6), usa-se ‘todo’, e em (7) usa-se ‘cada’.

O significado de quantificadores como ‘qualquer’, por exemplo, ainda é bastante obscuro. Um dos primeiros estudos sobre ‘qualquer’ em língua portuguesa foi o de Mória (1992) sobre o português de Portugal, em que há um levantamento de oito possíveis valores para esse operador. Tais valores seriam os seguintes: (i) ‘qualquer’ como operador de quantificação universal (sobre entidades discretas); (ii) ‘qualquer’ como operador de quantificação existencial (sobre entidades discretas); (iii) ‘qualquer’ como operador de quantificação massiva; (iv) ‘qualquer’ como operador de quantificação escalar; (v) ‘qualquer’ como modificador nulo (ou irrestritor) em estruturas de quantificação cardinal; (vi) ‘qualquer’ como operador de identificação

vaga em estruturas de quantificação existencial; (vii) ‘qualquer’ como operador de identificação vaga em estruturas de quantificação cardinal; (viii) ‘qualquer’ como modificador de tipo adjetival de sentido pejorativo. No entanto, a classificação desse autor não é clara e tem pouco poder explicativo. De acordo com Mória (1992), ‘qualquer’ funciona como operador de identificação vaga em estruturas de quantificação cardinal na sentença em (8) e como modificador de tipo adjetival de sentido pejorativo em (9). Serão as sentenças (8) e (9) realmente diferentes a ponto de ser necessário criar categorias distintas para elas?

- (8) Houve um terremoto num país qualquer da Ásia.
 (9) Ele não é um escritor qualquer. Já foi galardoado com vários prêmios.

Pires de Oliveira (2005) também estuda as interpretações de ‘qualquer’, mas no PB. O mapeamento feito pela autora se baseia no contraste de ‘qualquer’ + nome (‘qualquer N’) e ‘um’ + nome + ‘qualquer’ (‘um N qualquer’) em posição de sujeito e de complemento de sentenças genéricas e episódicas. A autora critica a quantidade de leituras de ‘qualquer’ indicada por Mória (1992). O trabalho de Pires de Oliveira (2005), no entanto, não apresenta ‘qualquer’ com leitura depreciativa ou em interação com negação ou com nomes massivos, por exemplo.

Este trabalho tem como objetivos: (i) descrever as interpretações que ‘qualquer’ pode adquirir; (ii) analisar a semântica desse item; e (iii) contribuir para a descrição do nível semântico do PB. Utilizamos como metodologia testes de julgamento de aceitabilidade e de felicidade para identificar a leitura adequada de ‘qualquer’ em cada contexto. Analisamos as leituras geradas por ‘qualquer’ de acordo com sua posição na sentença (argumental, de sujeito ou complemento, ou de adverbial), com o tipo de sentença (genérica ou episódica), com a configuração sintática em que ‘qualquer’ está inserido (‘qualquer N’ ou ‘um N qualquer’), com a interação de ‘qualquer’ com negação, predicados coletivos, predicados distributivos e nomes massivos. Encontramos ‘qualquer’ relacionado a leituras como: específica, não-específica, *free choice* (FC), leitura de grau, de tipo, pejorativa e de polaridade negativa.

Esta monografia é organizada da seguinte forma: na seção 2, apresentamos algumas ideias centrais para o aporte teórico utilizado neste trabalho; na seção 3, introduzimos a noção de mundos possíveis; na seção 4, caracterizamos a (in)definitude; na seção 5, mapeamos as leituras geradas por ‘qualquer’ de acordo com as condições selecionadas para este trabalho; e, na seção 5, fazemos nossas considerações finais, retomando algumas conclusões e indicando temas em aberto para trabalhos futuros.

2. SEMÂNTICA FORMAL

Zeno Vendler, filósofo famoso pela proposta de divisão dos componentes da sentença em expressão saturadas e insaturadas, em predicados e argumentos, também se debruçou sobre quantificadores aparentemente sinônimos, destacando suas diferenças semânticas. Com dados provenientes da língua inglesa e com um tratamento dos dados mais voltado à Filosofia, Vendler (1967) reflete sobre o significado de ‘*each*’, ‘*every*’, ‘*any*’ e ‘*all*’. O autor defende que as diferenças de distribuição e interpretação entre esses quantificadores pode ser explicada pela sua semântica. Assim, vai em direção oposta a trabalhos contemporâneos ao dele, que afirmavam que ‘*each*’, ‘*every*’, ‘*any*’ e ‘*all*’ teriam o mesmo significado e as diferenças de uso seriam explicadas pela estilística, por exemplo.

- (10) *Each letter I sent was intercepted* (VENDLER, 1967, p. 70)
Each carta eu envieí foi interceptada
 ‘Toda carta que eu envieí foi interceptada.’
- (11) *Any doctor will tell what to do* (VENDLER, 1967, p. 70)
Any doutor vai dizer o que fazer
 ‘Qualquer doutor vai te dizer o que fazer.’
- (12) **Any letter I sent was intercepted* (VENDLER, 1967, p. 70)
Any carta eu envieí foi interceptada
 Significado almejado: ‘Qualquer carta que eu envieí foi interceptada’
- (13) *Take all them* (VENDLER, 1967, p. 77)
 Pegue *all* DAT 3PL
 ‘Pegue todas elas’
- (14) *Take every one of them* (VENDLER, 1967, p. 78)
 Pegue *every* uma de DAT 3PL
 ‘Pegue cada uma delas’
- (15) *Take each of them* (VENDLER, 1967, p. 78)

Pegue *each* de DAT
3PL

‘Pegue cada uma delas’

- (16) *Take each of them and examine them in turn* (VENDLER, 1967, p. 78)
Pegue *each* de elas e examine as por sua vez
‘Pegue cada uma delas e examine-as por sua vez.’

- (17) *He took one* (VENDLER, 1967, p. 80)
Ele pegou um
‘Ele pegou um’

- (18) **He took any one* (VENDLER, 1967, p. 81)
Ele pegou *any* um
Significado almejado: ‘Ele pegou qualquer um’

Em (10) e (11), tanto ‘*each*’ como ‘*any*’ denotam a ideia de ‘todo’, mas a substituição de ‘*each*’ por ‘*any*’ em (12) resulta em agramaticalidade. Pensando em um contexto em que uma pessoa pede para outro pegar maçãs de um cesto e comparando as sentenças de (13) a (16), Vendler (1967, p. 77–78) observa que, quando a sentença (13) é proferida, espera-se que a pessoa pegue as maçãs em bloco –pegar uma por uma seria estranho–; a sentença (14) exige que as maçãs sejam todas levadas, independente da forma como isso ocorra; a sentença (15) é estranha, mas se receber uma continuação como em (16) entende-se que a pessoa deve pegar uma maçã por vez para examinar. Confrontando os exemplos em (17) e (20), Vendler identifica a liberdade de escolha (*freedom of choice*) como uma característica fundamental de ‘*any*’: ‘*Any* exige uma escolha, mas, depois de ela ter sido feita, *any* perde seu sentido.’ (VENDLER, 1967, p. 81)¹. Isso explica a diferença no julgamento de gramaticalidade das sentenças (17) e (18). Em (17), a decisão já foi tomada, logo não há o que escolher. Desse modo, a substituição de ‘*one*’ por ‘*any*’, em (18), resulta em uma sentença mal formada. Assim, Vendler consegue mostrar que a semelhança entre os operadores do inglês é limitada e não se resume a questões de estilo.

¹ No original: “Any calls for a choice, but after it has been made any loses its point”.

As distinções entre operadores não são exclusivas do inglês. O português brasileiro (PB) apresenta um desafio semelhante (cf. QUADROS GOMES, 2004; LEGROSKI, 2015). Vejamos os exemplos:

- (19) a. Todo livro custou cerca de R\$ 13,00.
 b. Todos os livros custaram cerca de R\$ 13,00.
 c. Cada livro custou cerca de R\$ 13,00.
 d. ?Qualquer livro custou cerca de R\$ 13,00.
 d'. Qualquer livro que estava na estante custou cerca de R\$ 13,00.
- (20) a. Todo inseto gosta de sujeira.
 b. *Cada inseto gosta de sujeira.
 c. Qualquer inseto gosta de sujeira.
- (21) a. Toda criança brinca muito.
 b. *Cada criança brinca muito.
 c. Qualquer criança brinca muito.

Se considerarmos um universo com cinco livros, as sentenças em (19) fazem referência a todos os cinco livros. Nesse contexto, ‘todo’, ‘cada’ e ‘qualquer’ parecem sinônimos, mas o comportamento desses itens não é igual. ‘Todos os’ eleva a cardinalidade dos livros ao grau máximo, produzindo a noção de que o total do conjunto foi atingido. A sentença (19d) soa mal no PB, mas sua aceitabilidade melhora quando introduzimos uma oração relativa, modificando o sintagma com ‘qualquer’, como em (19d’).

Em (20) e (21), ‘todo’ e ‘qualquer’ apresentam leitura similar à encontrada em (19). Dessa vez, entretanto, o uso de ‘cada’ torna a sentença agramatical. Quadros Gomes (2004) observou que há complementaridade entre os operadores no PB. ‘Cada’ seleciona um conjunto de átomos com cardinalidade e não combina com predicados genéricos, como em (20b) e (21b). ‘Todo’ seleciona a propriedade de cumulatividade, desde que as partes mínimas sejam acessíveis. ‘Qualquer’ seleciona a propriedade de individuação/insaturação. ‘Todo’ e ‘qualquer’ têm preferência por sentenças genéricas, diferentemente de ‘cada’. Esses operadores, portanto, podem ter a mesma leitura em certos contextos, mas a operação que fazem para chegar ao mesmo resultado é sempre diferente.

Esses dados formam um *puzzle* bastante instigante para a Semântica Formal. Isso porque, nessa teoria, trabalhamos com o Princípio de Composicionalidade, o qual afirma que o significado de uma sentença é resultado do cálculo de soma das partes de suas partes e de sua

ordem sintática (PARTEE, 2011; QUADROS GOMES; SANCHEZ MENDES, 2018). O primeiro passo, portanto, para poder explicar a semântica de um item da língua, é entender sua complexidade e sua potencialidade para gerar sentidos.

3. SEMÂNTICA DOS MUNDOS POSSÍVEIS

Na ontologia da Semântica Formal, há o domínio dos indivíduos, o domínio dos valores de verdade (verdadeiro ou falso) e há também o domínio das funções, que mapeiam sentenças declarativas a valores de verdade, por exemplo. Isso, no entanto, não é suficiente para dar conta de todas as possibilidades da linguagem humana.

A forma como as coisas são, no seu máximo, significa a forma como o mundo inteiro é. Mas as coisas poderiam ter sido diferentes, de diversas maneiras. Este meu livro pode ter sido terminado dentro do prazo previsto. Ou, se eu não tivesse sido um sujeito tão consensual, poderia estar a defender não só uma pluralidade de mundos possíveis, mas também uma pluralidade de mundos impossíveis, de que se fala verdadeiramente contradizendo-se a si próprio. Ou eu poderia não ter existido de todo - nem eu próprio, nem nenhum dos meus homólogos. Ou talvez nunca tenha existido qualquer pessoa. (...) Há sempre tantas maneiras que um mundo pode ser: e uma dessas muitas maneiras é a forma como este mundo é. (LEWIS, 1986, p. 1).²

Lewis aponta uma propriedade interessante da linguagem humana que é a de se referir a situações de forma diferente de como elas aconteceram. Ao ouvir a sentença em (22), conseguimos depreender seu significado de que existe um detetive e esse detetive vive no apartamento 221B da Baker Street. A particularidade dessa sentença é que ela não se refere ao mundo real. No mundo real, um astronauta pode estar vivendo nesse endereço, em vez de um detetive, por exemplo.

(22) No mundo de Sherlock Holmes, um detetive vive no 221B, Baker Street.

Para uma análise mais adequada de dados como os exibidos anteriormente, é necessário introduzir a nossa ontologia o domínio dos mundos possíveis. Desde Frege, temos a ideia de que o significado pode ser entendido como uma função. Nesse sentido, a sentença declarativa

² “The way things are, at its most inclusive, means the way the entire world is. But things might have been different, in ever so many ways. This book of mine might have been finished on schedule. Or, had I not been such a commonsensical chap, I might be defending not only a plurality of possible worlds, but also a plurality of impossible worlds, whereof you speak truly by contradicting yourself. Or I might not have existed at all — neither myself, nor any counterparts of me. (...) There are ever so many ways that a world might be: and one of these many ways is the way that this world is.”

faz parte do domínio (conjunto de partida) que é mapeado aos valores de verdade (verdade ou falsidade) contidos no contradomínio (conjunto alvo).

O Parâmetro do Mundo de Avaliação (*The Evaluation World Parameter*) (VON FINTEL; HEIM, 2011) indica a necessidade de determinar em qual mundo uma sentença está sendo avaliada para que se possa determinar um valor de verdade. A sentença em (22) não está sendo avaliada no mundo real. O sintagma ‘no mundo de Sherlock Holmes’ faz um deslocamento modal, fazendo com que o valor de verdade da sentença seja avaliado no mundo de Sherlock Holmes e, não, em algum outro mundo possível, como, por exemplo, o mundo real.

4. REVISÃO DA LITERATURA

Quando pensamos na referência de sintagmas determinantes (DPs), podemos distinguir dois tipos: os definidos e os indefinidos, como mostram Brasoveanu e Farkas (2016). Definidos geralmente são identificados por exigirem unicidade e familiaridade de seu referente. A unicidade está presente em sintagmas indefinidos que sejam unitários. Isto é, a sentença (23) só pode ser proferida em um contexto em que haja apenas um livro sendo considerado. Enquanto o conceito de novidade se refere à introdução de um referente no discurso, o conceito de familiaridade se refere à presença de um referente anteriormente citado. Em (24), o pronome ‘ele’ é familiar, porque seu referente, ‘um brinquedo’, foi introduzido no discurso anteriormente. Assim, ‘um brinquedo’ é um referente novo, enquanto ‘ele’ é sua retomada nesse contexto.

(23) Este livro é muito bom.

(24) Toda criança que tem um brinquedo_i quebra ele_i.

Os indefinidos não necessariamente exigem não-unicidade e novidade de seus referentes. Isso torna sua classificação mais difícil. Uma característica que tem sido usada tradicionalmente para distinguir sintagmas determinantes definidos de indefinidos é a introdução de referente. Sintagmas determinantes definidos apresentam referentes já conhecidos no discurso, enquanto indefinidos podem introduzir novos referentes, como exemplificado em (25).

(25) Tem **uma prova** que é tipo o Enem, só que a gente faz para sair da faculdade. A **prova** é o Enade.

Indefinidos podem ser de dois tipos: existenciais ou *bona fide*, sendo o primeiro tipo semanticamente mais simples que o segundo, como mostram Brasoveanu e Farkas:

[...] DPs existenciais (definidos ou indefinidos) são tratados como variáveis livres e a força quantificacional existencial por si é contribuição do processo interpretativo. Portanto, o efeito interpretativo de DPs existenciais é simplesmente o de atualizar a função designada de input com a variável que introduzem. DPs quantificacionais *bona fide*, por outro lado, têm um efeito interpretativo mais complexo: eles atualizam a função designada no input repetidamente com a variável que introduzem em looping no conjunto de indivíduos indicados pela irmã de D. Para cada indivíduo deste conjunto, a atribuição resultante da atualização da função de atribuição de entrada com esse indivíduo é então utilizada como atribuição de entrada para a interpretação do resto da frase, ou seja, para a interpretação do âmbito nuclear do DP quantificado. (BRASOVEANU; FARKAS, 2016, p. 241).³

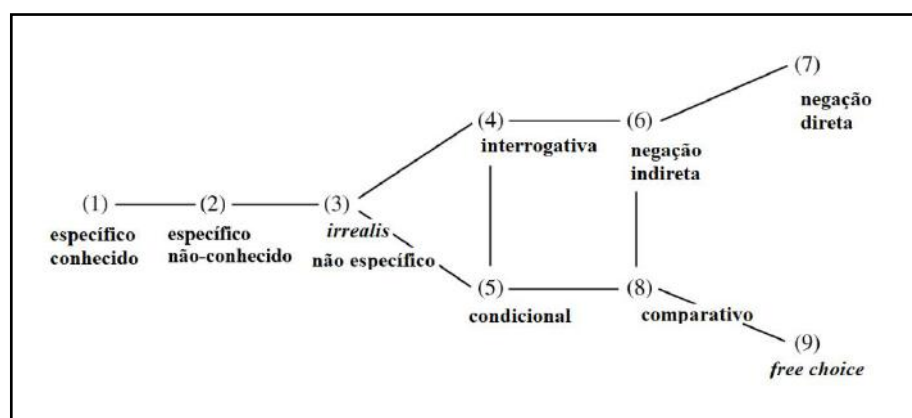
Oliveira (2005, 2011) trata ‘qualquer’ como um indefinido do PB. Oliveira (2011) argumenta que ‘qualquer’ não tem força quantificacional própria, dependendo, portanto, de uma variável presente na sentença ou no contexto para gerar suas leituras.

Haspelmath (1997) defende que a criação de mapas semânticos é uma estratégia para identificar padrões tipológicos entre as línguas que auxilia na verificação de hipóteses sobre universais semânticos. Tais mapas semânticos são úteis para que se possa visualizar a representação geométrica dos usos que um pronome indefinido pode ter. Assim, a partir da análise de indefinidos em 40 línguas, Haspelmath (1997) criou um Mapa Implicacional (*Implicational Map*, em inglês) com as leituras possíveis para os pronomes indefinidos, visto na Figura 2. Vejamos o mapa e alguns exemplos⁴ das leituras indicadas pelo autor.

³ “[...] existential DPs (whether definite or indefinite) are treated as free variables and existential force per se is contributed by the interpretive process. Thus, the interpretive effect of existential DPs is simply to update the input assignment function on the variable they introduce. *Bona fide* quantificational DPs, on the other hand, have a more complex interpretive effect: they update the input assignment function repeatedly on the variable they introduce by looping through the set of individuals denoted by the sister of the D. For each individual in this set, the assignment resulting from updating the input assignment function with that individual is then used as the input assignment for the interpretation of the remainder of the sentence, that is, for the interpretation of the nuclear scope of the quantificational DP.”

⁴ Os exemplos de (26) a (34) foram retirados de Haspelmath (1997, p. 2-3).

Figura 1 – Mapa Implicacional



Fonte: Haspelmath (1997, p. 64, tradução nossa)

Específico conhecido

- (26) *Somebody called while you were away: guess who!*
Somebody ligou enquanto você estava ausente: adivinha Quem!
 ‘Alguém ligou enquanto vocês estava fora: advinha quem!’

Específico não-conhecido

- (27) *I heard something, but I couldn't tell what kind*
 Eu ouvi *something*, mas eu poderia+não dizer qual tipo
of sound it was.
 de som ele era.
 ‘Eu ouvi alguma coisa, mas eu não poderia contar que tipo de som era’

Irrealis não específico

- (28) *Please try somewhere else.*
 Por favor tente *somewhere* outro.
 ‘Por favor, tente algum outro lugar.’

Interrogativa

- (29) *Did anybody tell you anything about it?*

Verbo auxiliar *anybody* contar você *anything* sobre ele?
 ‘Alguém contou para você alguma coisa sobre isto?’

Condicional

(30) *If you see anything tell me immediately.*
 Se você ver *anything* conta me imediatamente.
 ‘Se você vir qualquer coisa, me conte imediatamente.’

Comparativo

(31) *In Freiburg the weather is nicer than anywhere in Germany.*
 Em Freiburg o tempo é mais que *anywhere* em Alemanha.
 agradável
 ‘Em Freiburg o tempo é mais agradável do que em qualquer outro lugar na Alemanha.’

Negação indireta

(32) *I don't think that anybody knows the answer.*
 Eu Verbo auxil- acho que *anybody* conhece a resposta.
 iar+negação
 ‘Eu não acho que qualquer pessoa saiba a resposta.’

Negação direta

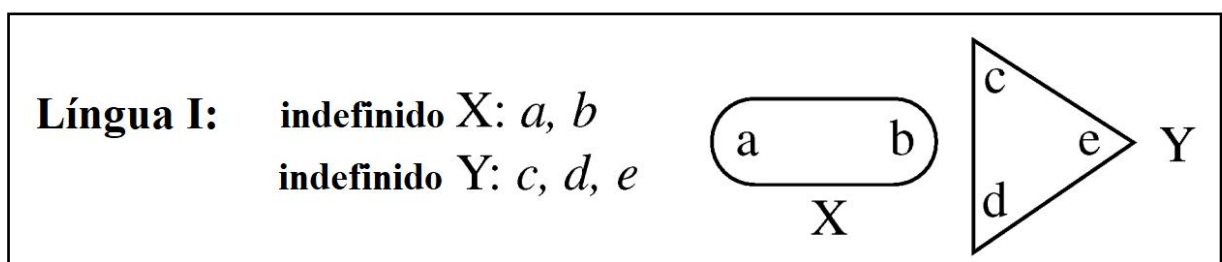
(33) *Nobody knows the answer.*
Nobody sabe a resposta.
 ‘Ninguém sabe a resposta.’

Free choice

(34) *Anybody can solve this simple problem.*
Anybody pode resolver este simples problema.
 Qualquer pessoa pode resolver este simples problema.

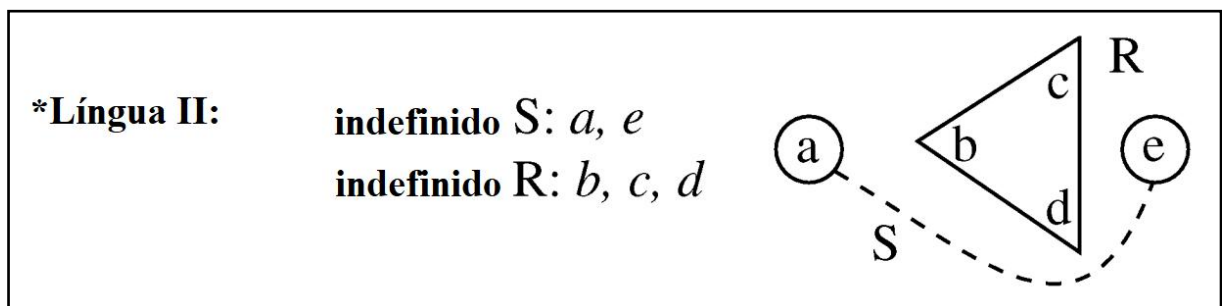
Indefinidos normalmente possuem mais de uma das leituras apresentadas no mapa, mas, segundo a proposta do autor, um indefinido pode apresentar apenas leituras que sejam adjacentes no mapa. Ou seja, uma língua pode seguir o padrão ilustrado na Figura 2, mas o padrão desenhado na Figura 3 não deve ser encontrado nas línguas de acordo com essa proposta. A proposta do Mapa Implicacional foi criada para dar conta das leituras que indefinidos podem ter através das línguas.

Figura 2 – Organização possível de um Mapa Implicacional



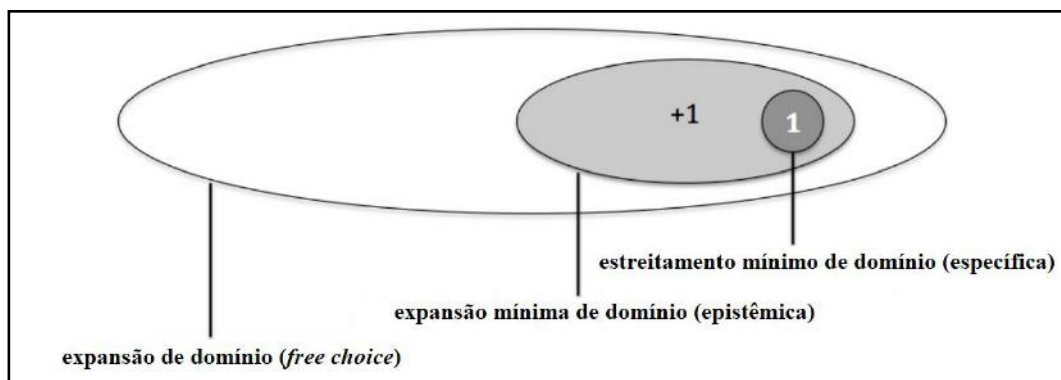
Fonte: Haspelmath (1997, p. 63, adaptado)

Figura 3 – Organização não prevista de um Mapa Implicacional



Fonte: Haspelmath (1997, p. 63, adaptado)

Dentre as leituras possíveis para os indefinidos, encontramos uma grande diversidade com relação ao domínio de quantificação. Um domínio de quantificação é um conjunto que possui as variáveis sobre as quais um quantificador opera. A Figura 4 ilustra as possibilidades de operações em um domínio quantificacional.

Figura 4 – *Continuum* de operações no domínio quantificacional

Fonte: Chianollo (2013, p. 67, tradução nossa)

Pronomes demonstrativos, por exemplo, apresentam domínio extremamente reduzido, podendo se referir a apenas um indivíduo/objeto por vez, como identificamos em (35). Essa sentença seria mal formada no PB se fosse usada para se referir a duas flores. O indefinido ‘algum’ apresenta expansão mínima de domínio. Isso porque é necessário que pelo menos dois indivíduos/objetos estejam em seu domínio de quantificação para a interpretação desse item. Supondo um cenário em que duas crianças estão brincando de pique-esconde dentro de uma casa com quatro cômodos, e uma delas, Luan não pode se esconder na cozinha, porque a mãe não deixa, nem no banheiro, porque está em obras. Nesse cenário, temos apenas duas opções possíveis: a sala e o quarto. ‘Algum’ pode ser usado nessa situação, como mostra o exemplo em (37), em que só há dois cômodos como possibilidades epistêmicas. No entanto, ‘algum’ não poderia substituir ‘aquela’, em (35), como vemos em (36), se considerarmos um cenário em que há apenas uma flor sobre a mesa, por exemplo. Já ‘qualquer’ expande ao máximo seu domínio. Da sentença (38), entendemos que, se for estrela, então brilha. O domínio de ‘qualquer estrela’ denota uma quantidade potencialmente infinita de indivíduos.

- (35) Aquela flor é bonita.
 (36) #Alguma flor é bonita.
 (37) Luan está escondido em algum lugar.
 (38) Qualquer estrela brilha.

A partir da observação do comportamento dos nomes plurais nus⁵ no inglês, Carlson (1977) observou a relevância do predicado sentencial para a expressão da quantidade de indivíduos denotados pelo plural nu do inglês. O plural nu aparentemente pode ser interpretado de formas distintas.

(39) *Horses are mammals* (CARLSON, 1997, p. 413)
 Cavalos são mamíferos
 ‘Cavalos são mamíferos’

(40) *Horses are smart* (CARLSON, 1997, p. 413)
 Cavalos são inteligentes
 ‘Cavalos são inteligentes’

Em (39), temos uma leitura genérica do tipo ‘se for cavalo, então é mamífero’. A interpretação dessa sentença inclui todos os cavalos, e possíveis tentativas de criar exceções geram estranheza. Isto é, (39) não pode ser interpretada como ‘alguns/ parte/ a maioria dos cavalos são mamíferos’.

Em (40), por outro lado, admitem-se exceções. De acordo com Carlson (1977), essa sentença seria muitas vezes interpretada com a força de ‘*most*’ (‘a maioria’). Ou seja, para interpretar (40) normalmente já se considera a existência de exceções e entende-se que ‘cavalos’ se refere a apenas alguns indivíduos da espécie, mas não a todos.

[...] os distintos usos do plural nu são apenas facetas de um fenômeno unificado sintática e semanticamente, e que em todos os casos diferentes interpretações podem ser atribuídas de forma inteiramente previsível a algum aspecto do contexto em que ocorre esse caso particular de ØNP. Se essa hipótese for correta, e o determinante nulo de fato não for ambíguo, então podemos gerar o ØNP de uma forma sintática bastante simples, atribuindo-lhe uma interpretação constante em todas as instâncias. (CARLSON, 1977, p. 414, tradução nossa).⁶

⁵ Nomes nus não apresentam um determinante (foneticamente realizado) antes do nome. É o caso de ‘*dogs*’, em vez de ‘*the dogs*’ em inglês ou de ‘cachorro’ em vez de ‘o cachorro’ no português.

⁶ “[...] distinct uses of the bare plural are merely facets of a syntactically and semantically unified phenomenon, and that in all cases the differing interpretations can be attributed in an entirely predictable manner to some aspect of the context in which that particular instance of ØNP occurs. If this hypothesis is correct, and the null determiner is in fact unambiguous, then we can generate the ØNP in a rather straightforward manner syntactically, assigning it a constant interpretation in all instances.”

Mesmo com a suposta diversidade de leituras que o plural nu do inglês pode apresentar, Carlson mostrou que era possível explicar sua semântica. O autor percebeu que não bastava ter em mente apenas a leitura aparente do nome nu; é necessário também considerar o contexto sintático-semântico em que esse nome aparece.

Vamos assumir neste trabalho, com base em Kratzer e Shimoyama (2002), que ‘qualquer’ realize a operação de expansão de domínio. Kratzer e Shimoyama (2002) estudaram a semântica do indefinido ‘*irgendein*’ (alemão). As autoras observam que esse indefinido dispara o efeito FC quando em contato com modalidade. A sentença (41) exige que todos os médicos disponíveis no mundo que está sendo avaliado sejam opções possíveis para Mary se casar. De acordo Kratzer e Shimoyama (2002, p. 4), ‘*irgendein*’ introduz um conjunto de alternativas que se expandem até encontrarem um operador que as selecione.

(41) *Mary muss irgendeinen Arzt heiraten*
 Mary tem que *irgend-um* médico casar

‘Mary tem que casar com um médico e qualquer médico é uma opção permitida.’

Na sentença em (41), ‘*irgendeinen*’ expande o domínio quantificacional de modo a não permitir a restrição de suas alternativas. Isto é, tomando o mundo real como mundo de avaliação e supondo que Mary seja alemã, para que (41) seja verdadeira, **todos os médicos** têm de ser opções para Mary se casar. O efeito FC presente em (41) não permitiria que o conjunto mais saliente de indivíduos – o conjunto dos médicos alemães apenas, por exemplo – fosse tomado para a quantificação. Assim, considerando um mundo com quatro médicos, Mary casaria com o Dr. Luan Zhan, do Brasil, no mundo 1; com o Dr. Rémi Mengoni, do Canadá, no mundo 2; com o Dr. Marco Souza, da Itália, no mundo 3; Dr. Xiao Porowski, da China, no mundo 4. Todos os médicos são alternativas, mas tais alternativas são distribuídas por mundos possíveis. Por isso, Mary casa apenas com um deles em cada mundo considerado.

Segundo Chianollo (2013), o indefinido ‘*aliquis*’ (latim) tinha apenas a função de indeterminar a identidade de um indivíduo. Após sua combinação com ‘*unus*’ (latim), as línguas neolatinas derivaram indefinidos muito semelhantes, como ‘algum’ (português), ‘*algún*’ (espanhol), ‘*alcuno*’ (italiano) e ‘*aucun*’ (francês). Chianollo observou que os novos itens indefinidos, nas línguas neolatinas, ganharam funções além das disponíveis no indefinido do latim. Entre elas está a leitura de polaridade negativa, encontrada em ‘algum’ (português) (33).

- (42) Algum distraído esbarrou em mim.
 (43) Você me enganou. Não tem chocolate algum na geladeira.

A sentença em (42) indica que uma pessoa, cuja identidade não é conhecida, esbarrou em outra pessoa. Essa função de indeterminação da identidade já estava presente no latim. Por outro lado, (43) indica a falta de chocolate na geladeira, ou seja, que o total desse alimento na geladeira é igual zero. Essa é interpretação é a de polaridade negativa, que *aliquis* e *um* não possuíam. Esse trabalho apontou para uma característica muito interessante do processo de formação de indefinidos. Normalmente, as línguas possuem (alguns) numerais, artigos e demonstrativos e os indefinidos surgem a partir da união de dois elementos da língua. ‘Qualquer’ possui em sua morfologia o pronome ‘qual’ e o verbo ‘querer’. Pires de Oliveira (2005) sugere que o pronome ‘qual’ tenha sido o responsável pelas alternativas que ‘qualquer’ exige em sua semântica, enquanto o verbo ‘querer’, que é modal, introduziu o componente modal necessário para a leitura FC.

5. METODOLOGIA

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a caracterização de ‘qualquer’, fornecendo uma visão geral do objeto tratado, bem como contribuir para tornar o PB uma língua mais bem descrita no nível semântico. A seguir, apresentamos um mapeamento das leituras de ‘qualquer’, em que ampliamos as condições observadas por Pires de Oliveira (2005).

Verificaremos as seguintes condições: ‘qualquer N’ e ‘um N qualquer’ em sentenças genéricas e episódicas, em posição argumental da sentença (sujeito e complemento); em posição de adjunto adverbial; associados à negação; aos nomes massivos; e, por último, em interação com verbos modais. Defendemos que o predicado sentencial impõe limites à quantidade de indivíduos a que ‘qualquer’ possa se referir.

- (44) *Pessoa qualquer escuta música.
 (45) ?Qualquer um de vossos filhos pode comprovar minha versão da história.
 (46) Pega qualquer flor para mim, por favor.

A fim de identificar as leituras associadas a ‘qualquer’ no PB, utilizamos três testes clássicos dos estudos em Linguística Formal no tratamento dos dados. O teste de julgamento de gramaticalidade, para identificar a boa formação de sentenças. A sentença em (44) não segue

as regras sintáticas para a boa formação de sentenças no PB, pois o indefinido 'qualquer' não aparece depois do nome sem a presença de 'um' no mesmo sintagma. O teste de julgamento de aceitabilidade, para identificar se há algum nível de degradação na sentença. A sentença (45) não é mal formada no PB, mas o uso do pronome 'vosso' não faz parte do PB falado atualmente. Por fim, teste de julgamento de felicidade no tratamento dos dados, para verificar a adequação no uso das sentenças de acordo com o contexto. A sentença (46) é gramatical e aceita no PB, mas não pode ser usada em um contexto em que se deseja uma flor específica.

6. MAPEANDO AS LEITURAS DE 'QUALQUER'

Assumimos, neste trabalho, a proposta de Kratzer e Shimoyama (2002) para a análise de indefinidos. Entendemos que 'qualquer' é um item que expressa *free choiceness* ('livre escolha') (FC) no PB. Sua semântica básica é a expansão de domínio. Isto é, 'qualquer' cria alternativas que tendem ao infinito, mas que podem ser limitadas por operadores, por exemplo.

O trabalho de Pires de Oliveira (2005) identifica as leituras de 'qualquer N' e de 'um N qualquer' apenas em sentenças genéricas e em episódicas, deixando algumas lacunas abertas sobre a interpretação de 'qualquer'. Seu trabalho, entretanto, não prevê, por exemplo, quando ocorre a leitura pejorativa, tampouco como esse indefinido interage com a negação ou com nomes massivos. Inspirada em Mória (1992), a autora classificou as leituras geradas por 'qualquer' como universal, como (47), existencial, como (47), ou existencial cardinal, como (48), sugerindo, assim, que o indefinido estivesse preso ora por um de operador universal ora por um operador existencial. Vamos defender que 'qualquer' é um item FC universal, que pode gerar leitura existencial — de apenas um indivíduo — quando o predicado sentencial impede a expansão das alternativas.

(47) A Maria comprou qualquer jornal que tinha na banca.⁷

(48) Um médico qualquer operou este paciente aqui.

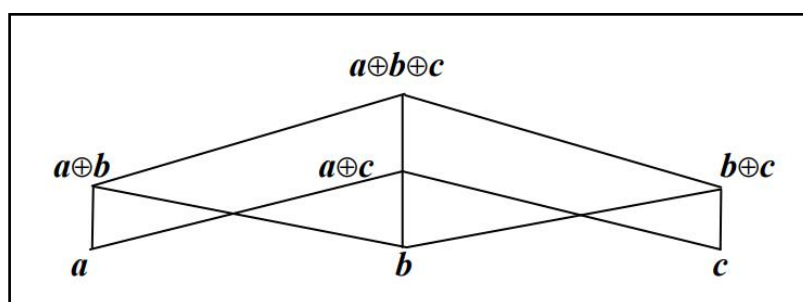
6.1. Seleção de indivíduos

A estrutura mereológica de semi-reticulados, representada na Figura 5, mostra todas as possibilidades de combinação de três objetos. Substituindo as letras por canetas, por exemplo,

⁷ A sentença (47) seria ambígua, segundo Pires de Oliveira (2005), pois pode significar (i) que Maria comprou todos os jornais da banca (leitura universal) ou (ii) que Maria comprou apenas um jornal, mas essa escolha foi feita de forma aleatória.

teríamos na parte inferior da estrutura apenas átomos: uma caneta preta, uma caneta vermelha e uma caneta azul. Na parte intermediária do reticulado, encontraríamos combinações de dois a dois desses elementos: uma caneta preta e uma vermelha; uma caneta preta e uma azul; e uma caneta vermelha e uma azul. No topo, encontramos a combinação máxima de todos os três elementos, formando uma molécula.

Figura 5 – Estrutura de semi-reticulado



Fonte: Quadros Gomes (2009, p. 10)

De acordo com Quadros Gomes (2004, p. 322), “(...) para poder haver escolha, é preciso que reste, no mínimo, um indivíduo no conjunto, após a seleção; isso quer dizer que a forma singular [‘qualquer’], em que pelo menos um indivíduo é escolhido, exige conjuntos com pelo menos dois indivíduos, dentre os quais um possa ser selecionado; (...)”. Esse estudo mostrou que ‘qualquer’ exige um domínio nominal individuado sobre o qual operar; portanto, espera-se que ‘qualquer’ não se combine com nomes massivos que não permitam a criação contextual de unidades medidas e não disponham de átomos naturais.

- (49) #Comprei **uma areia** para o meu gato.
- (50) #Comprei **areias**.
- (51) Comprei **dois pacotes de areia** para o meu gato.
- (52) Encontrei **um grão de areia** na minha comida.

O nome ‘areia’ não pode ser diretamente modificado por ‘um’, como em (49), e tampouco pode ser usado no plural, como em (50). Por ser um nome de massa, não se conseguimos determinar quais são suas partes mínimas, seus átomos naturais. Quando adicionamos um classificador, como ‘dois pacotes de’ (51) ou ‘um grão de’ (52), conseguimos criar uma unidade que pode ser contada cardinalmente.

6.1.1. *Interação com nomes massivos sem átomos naturais*

Diferentemente de nomes contáveis, que são unidades discretas, os nomes massivos ‘não podem ser diretamente contados, (...), e necessitam de classificadores ou de sintagmas de medida para serem apropriadamente contados’ (PARAGUASSU-MARTINS; MÜLLER, 2007, p. 67). ‘Qualquer’, como mostra Quadros Gomes (2004), seleciona nomes contáveis ou passíveis de individuação. No entanto, algumas vezes sua combinação com nomes massivos é possível.

- (53) Qualquer sal serve para essa receita.
- (54) Um sal qualquer serve para essa receita.
- (55) Paola usa qualquer sal nas receitas.
- (56) Paola usa um sal qualquer nas receitas.
- (57) O rosto de Rubí ficou desfigurado, mas ela ainda tem qualquer charme no olhar.
- (58) Rubí ficou desfigurada, mas ela ainda tem um charme qualquer no olhar.
- (59) Já tive nome sujo no SPC, mas ainda tenho qualquer credibilidade no banco.
- (60) *Já tive nome sujo no SPC, mas ainda tenho uma credibilidade qualquer no banco.
- (61) *A médica restaurou qualquer saúde daquele paciente.
- (62) *A médica restaurou uma saúde qualquer daquele paciente.

Nos exemplos de (53) a (56), ‘qualquer’ está combinado com o nome massivo ‘sal’. Em todos os casos a leitura produzida é de tipo. As sentenças de (53) a (56) serão verdadeiras se o sal escolhido for o sal grosso, ou o sal comum, por exemplo. Apesar de ‘sal’ ser um nome massivo, a noção de tipo é individualizável. Não se pode contar ‘1 sal’, ‘2 sais’, mas se pode contar 1 tipo de sal, 2 tipos de sal etc.

Em (57) e (58), ‘qualquer’ está combinado ao nome ‘charme’. Esse nome, diferentemente de ‘sal’, não tem leitura de tipo e não pode ser individualizável. Entretanto, contrariando as expectativas de Quadros Gomes (2004), ‘qualquer’ consegue se combinar a ‘charme’. A interpretação que se obtém é de grau. ‘Credibilidade’ também é um nome massivo não individualizável que pode se combinar com ‘qualquer’ e produzir leitura de grau, como visto em (59). No entanto, isso ocorre apenas com a configuração ‘qualquer credibilidade’, pois ‘uma credibilidade qualquer’ torna a sentença agramatical no PB, como vemos em (60).

Em (61) e (62), o uso de ‘qualquer saúde’ ou de ‘uma saúde qualquer’ torna as sentenças agramaticais. Com esses exemplos, percebemos que ‘qualquer’ seleciona nomes individualizáveis, como ‘cachorro’, domínio em que podemos contar os indivíduos, ou ‘sal’, em que podemos contabilizar os tipos. Na presença de um nome massivo não individualizável, ‘qualquer’ pode gerar leitura de grau, como um *last resource*, ou a sentença se torna agramatical. Vale ressaltar que ‘qualquer’ não é capaz de gerar leitura de volume com nomes massivos.

6.1.2. *Predicados distributivos vs. Predicados coletivos*

Predicados distributivos atribuem uma propriedade individualmente aos membros do grupo denotado pelo sintagma nominal. Considerando a Figura 5, podemos dizer que esse tipo de predicado seleciona os átomos {a,b,c}. Predicados coletivos, por outro lado, tomam como argumento o grupo denotado pelo sintagma nominal como um todo. Esse tipo de predicado, portanto, se aplica à soma de indivíduos, que na Figura 5 está representada pela molécula $a \oplus b \oplus c$. Vejamos alguns dados para entender o comportamento de ‘qualquer’ sob essas condições.

- (63) As crianças dormiram.
- (64) Todas as crianças dormiram.
- (65) Cada criança dormiu.
- (66) Qualquer criança dormiu.
- (67) Os estudantes se reuniram em videochamada.
- (68) Todos os estudantes se reuniram em videochamada.
- (69) *Cada estudante se reuniu em videochamada.
- (70) *Qualquer estudante se reuniu em videochamada.

O predicado ‘criança(s) dormir(am)’ é distributivo, visto que não é possível que uma pessoa durma pela outra por exemplo. Sob essa condição, ‘qualquer’ produz sentenças bem formadas. No entanto, seu comportamento muda em relação aos predicados coletivos. Com base nesses dados, podemos entender que – tal como previa Quadros Gomes (2004) – ‘qualquer’ seleciona indivíduos e não pode selecionar a soma máxima de indivíduos (o grupo todo).

A combinação de ‘qualquer’ apenas com predicados distributivos revela um pouco da sua operação no domínio nominal. O quantificador ‘todo’ pode se referir a soma de indivíduos. A sentença (68) será verdadeira se, em um contexto em que há cinco alunos, todos os cinco

alunos estiverem reunidos na videochamada. ‘Qualquer’ não consegue acessar a soma de indivíduos, podendo se aplicar apenas aos átomos do nome com o qual se combina. Por isso, sua incompatibilidade com um predicado coletivo como ‘reunir-se em videochamada’.

6.2. Tipo de sentença e posição sintática (argumental)

6.2.1. ‘Qualquer N’ em sentenças genéricas

- (71) Qualquer cachorro late.
- (72) Qualquer gato é um animal fofo.
- (73) Qualquer macaco come banana.
- (74) Pesquisadores estudam qualquer tema.
- (74’) Pesquisadores estudam qualquer tema que pareça interessante.
- (75) Tubarões comem qualquer crustáceo.
- (75’) Tubarões comem qualquer crustáceo que apareça pela frente.

Nos exemplos de (71), (72) e (73), ‘qualquer N’ aparece em posição de sujeito de sentenças genéricas. Neles, ‘qualquer N’ tem leitura não-específica. A interpretação que se obtém é do tipo ‘se P, então Q’. Ou seja, se for gato, tem a propriedade de miar; se for gato, é um animal fofo; e, se for macaco, come banana. A denotação de ambas as sentenças inclui indivíduos menos prototípicos, como cachorros doentes, cachorros do passado ou da ficção em (71); gatos de rua, gatos maltratados e gatos sem pelo, por exemplo, em (72); e macacos criados em cativeiro, macacos com dieta controlada, ou não, por exemplo, em (73). Nessa condição, temos, portanto, leitura com domínio amplo, que considera todos os indivíduos denotados pelo nome (dos mais prototípicos aos menos prototípicos), sem exceção.

Nos exemplos de (74) a (75’), ‘qualquer N’ aparece em posição de complemento de sentenças genéricas. Os exemplos em (74) e (75) são ambíguos entre as leituras de tipo e de indivíduo, devido à presença do plural nu. A aceitabilidade dessas sentenças diminui quando se pensa o significado do plural nu como indivíduos, mas pode melhorar se o sintagma em que ‘qualquer’ aparece sofrer modificação de uma oração relativa, como ocorre em (74’) e (75’).

A sentença (74’) teria leitura de tipo em um cenário em que um pesquisador investiga um tema de linguística, um outro pesquisador investiga um tema em filosofia, um outro pesquisador estuda um outro tema em biologia e assim por diante. Nesse caso, em (74’), cada pesqui-

sador investiga um tema específico, mas a ‘espécie’ pesquisador acaba estudando todos os tópicos de pesquisa. A sentença (75’) teria leitura de tipo em um cenário em que uma subespécie de tubarão come apenas crustáceos grandes, a outra subespécie come apenas crustáceos pequenos e assim por diante. Nesse caso, em (75’), cada subespécie de baleia come um tipo específico de crustáceo, mas a espécie baleia acaba comendo todos os crustáceos.

A leitura de indivíduo é possível quando entendemos que o plural *nu* se refere a cada pessoa no domínio de quantificação. Nesse caso, entendemos em (74’) que, se for pesquisador, então estuda o tema A, B, C etc.; ou seja, cada um dos pesquisadores estuda todos os temas de pesquisa (potencialmente infinitos) que podem existir. Entendemos em (75’) que, se for tubarão, então todos os crustáceos que existem no mundo.

Essa ambiguidade revela uma diferença no domínio. Na primeira leitura, o domínio de indivíduos é amplo, já que se está considerando a espécie ‘pesquisador’ e a espécie ‘tubarão’. Já na segunda, o domínio é mais restrito, visto que um pesquisador não consegue estudar todos os temas de pesquisa existentes; e uma baleia tampouco consegue comer todos os crustáceos. O domínio de indivíduos é limitado inclusive se levamos em consideração tipos no segundo caso.

Em (71), (72) e (73), ‘qualquer’ consegue atribuir a propriedade denotada pelo predicado não só aos indivíduos do mundo atual, como também a indivíduos de mundos possíveis. Não importa, por exemplo, a nacionalidade do cachorro, sua criação, ou o mundo que ele vive, ‘qualquer’ atribui a propriedade de latir a cães que existem no mundo real e em mundo possíveis, como o mundo dos 101 Dálmatas. Já em (74) e (75), isso não é possível. O predicado sentencial não permite que todos os indivíduos possíveis sejam selecionados para a quantificação de ‘qualquer’. A sentença (74), por exemplo, não parece permitir que sua avaliação seja feita em mundos possíveis, como o mundo de Jurassic Park. Tubarões não podem se alimentar de crustáceos que estão extintos, por exemplo. A modificação consegue restringir o domínio de quantificação para um contexto saliente no mundo atual (cf. DAYAL, 2004).

Tanto em posição de sujeito como de complemento de sentenças genéricas, ‘qualquer N’ exige alternativas. Entretanto, quando em posição de complemento, o predicado sentencial impõe um limite ao número de indivíduos selecionados por ‘qualquer’. Essa contenção às alternativas geradas por “qualquer” surge da interação do predicado com o sujeito. Como visto, quando o nome se refere à espécie, a leitura obtida é de domínio amplo, mas, quando o predicado se aplica a indivíduos em particular, a expansão das alternativas de ‘qualquer’ é contida.

6.2.2. *‘Qualquer N’ em sentenças episódicas*

- (76) #Qualquer cachorro latiu ontem de noite e não me deixou dormir.
 (76’) ?Qualquer cachorro que estava no quintal latiu ontem de noite e não me deixou dormir.
 (77) #Qualquer pessoa comeu pizza ontem.
 (77’) ?Qualquer pessoa que estava na mesa ao lado da nossa no restaurante comeu pizza ontem.
 (78) #Pesquisadores brasileiros estudaram qualquer assunto.
 (78’) Pesquisadores brasileiros estudaram qualquer assunto que fosse interessante.
 (79) #Luisa Mell alimentou qualquer gato ontem.
 (79’) Luisa Mell alimentou qualquer gato que passou por ela ontem.

Nos exemplos de (76) a (77’), ‘qualquer N’ aparece em posição de sujeito de sentenças episódicas. ‘Qualquer N’ torna as sentenças em (76) e (77) degradadas no PB. A aceitabilidade de tais sentenças está condicionada à presença de uma oração que modifique o sintagma em que ‘qualquer’ aparece, como mostrado em (76’) e (77’). ‘Qualquer N’ só pode ter leitura específica em (76’) e (77’). Em (76’), entendemos que um cachorro, de que não sabemos a identidade latiu. Em (77’), entendemos que uma pessoa, de quem não sabemos a identidade, comeu pizza ontem.

Nos exemplos de (78) a (79’), ‘qualquer N’ aparece em posição de complemento de sentenças episódicas. As sentenças em (78) e (79) são degradadas no PB, mas a aceitabilidade dessas sentenças aumenta quando há uma oração relativa modificando o sintagma ‘qualquer N’, como demonstrado em (78’) e (79’). Em (78), temos a leitura de que pesquisadores brasileiros estudaram diversos temas de pesquisa, desde a probabilidade de ganhar na loteria até a cura do câncer. É difícil, no entanto, ter a leitura de que os pesquisadores estudaram todos os temas de pesquisa. Existem temas de pesquisa que ainda serão criados, por exemplo. Em (79’), temos a leitura de que Luisa Mell alimentou alguns gatos, mas não todos os gatos que existem. Em síntese, no contexto de posição de complemento de sentenças episódicas, ‘qualquer N’, tem leitura de expansão de alternativas reduzida.

Quando em posição de determinante (‘qualquer N’), ‘qualquer’ tem preferência por sentenças genéricas. Predicados episódicos denotam um evento único localizado tempo específico, com participantes específicos, o que naturalmente restringe as alternativas de ‘qualquer’. Para criar uma restrição contextual em que o uso de ‘qualquer’ seja aceitável, na minha variedade do PB, só pode ser licenciado em predicados episódicos com modificação.

Em (79'), a oração relativa restringe as alternativas de 'qualquer', de modo que Luisa Mell pode ter encontrado uns cinco gatos. Nesse contexto, 'qualquer' consegue se referir a todos os indivíduos, mas o domínio de quantificação possui muito menos indivíduos do que quando 'qualquer N' aparece em posição de sujeito de sentenças genéricas, como (76).

6.2.3. 'Um N qualquer' em sentenças genéricas

- (80) #Um cachorro qualquer late.
 (80') Um cachorro qualquer que queira entrar em casa late.
 (81) #Um elefante qualquer pinta um quadro.
 (81') Um elefante qualquer que seja treinado pinta um quadro.
 (82) ?Matemáticos estudam um assunto qualquer.
 (82') Matemáticos estudam um assunto qualquer que seja interessante.
 (83) ?Tubarões comem um crustáceo qualquer.
 (83') Tubarões comem um crustáceo qualquer que aparecer.

Nos exemplos de (80) a (81'), 'um N qualquer' aparece em posição de sujeito de sentenças genéricas. Em oposição a 'qualquer N', 'um N qualquer' rejeita sentenças genéricas e só se torna aceitável com a modificação. Em (80) e (81), o uso de 'um N qualquer' com leitura genérica resulta em sentenças degradadas no PB. No entanto, a aceitabilidade dessas sentenças melhora se o sintagma 'um N qualquer' estiver sendo modificado por uma oração relativa, como em (80') e (81'). Em ambos os casos, temos leitura não-específica. Interpretamos as sentenças (80') e (81') como 'todo indivíduo que esteja na situação X, faz Y.'. Assim, nesse contexto, encontramos expansão de alternativas reduzida.

Os exemplos (82) e (83) podem gerar estranheza no PB. A leitura produzida é a de ignorância ou indiferença por parte do falante sobre o tema de pesquisa de matemáticos, em (82), e sobre a espécie de crustáceo que tubarões comem, em (83). Nesse contexto é possível surgir a leitura depreciativa, por exemplo, para insinuar que o tema de estudo de matemáticos tem menor grau de importância do que se comparado com outras disciplinas.

Quando o sintagma 'um N qualquer' sofrer a modificação de uma oração relativa, como em (82') e (83'), temos leitura não-específica, com expansão de alternativas reduzida. Nesse caso, entende-se que matemáticos estudam muitos temas em (82') e que tubarões comem uma grande quantidade de crustáceos, mas em nenhum desses casos é possível esgotar as alternativas -seja de temas de pesquisa, seja de crustáceos para se alimentar-.

6.2.4. *‘Um N qualquer’ em sentenças episódicas*

- (84) Um cachorro qualquer latiu ontem de noite.
- (85) Um livro qualquer caiu da estante durante a madrugada.
- (86) Yuri assistiu um programa de TV qualquer antes da partida.
- (87) O treinador Victor convocou um jogador qualquer para os Jogos Olímpicos de 2016.

As sentenças (84) e (85) apresentam ‘um N qualquer’ em posição de sujeito de sentenças episódicas. Ambas as sentenças denotam um único indivíduo, de quem não conhecemos a identidade ou que a identidade seja irrelevante. Elas também podem apresentar leitura depreciativa. A sentença (84) poderia ser dita em um contexto em que uma pessoa ouve um latido durante a noite, mas não sabe qual cachorro latiu, se um dos cachorros de seus vizinhos (todos de raça pura) ou um dos cachorros vira-latas que vivem em sua rua. Nesse caso, (84) continuaria se referindo a um único indivíduo que não se sabe qual é, mas esse indivíduo obrigatoriamente devia ser um dos cachorros vira-latas.

As sentenças (86) e (87) apresentam ‘um N qualquer’ em posição de complemento de sentenças episódicas. Ambas as sentenças denotam um indivíduo com identidade desconhecida ou irrelevante. Também é possível obter leitura depreciativa dessas sentenças. Em (86), entendemos que Yuri assistiu um programa de TV que não é muito valorizado e considerado ruim, por exemplo. Em (87), entendemos que o treinador convocou um jogador sem relevância, com baixo desempenho e com pouca experiência para o jogo. Nesse contexto, um jogador de elite não poderia ter sido escolhido.

‘Um N qualquer’ tem preferência por predicados episódicos. Nesse contexto, temos um evento único com participantes específicos, o que restringe a expansão das alternativas de ‘qualquer’. Além disso, a configuração sintática ‘um N qualquer’ — em que ‘qualquer’ aparece em posição de adjetivo, enquanto ‘um’ ocupa a posição de determinante do sintagma — limita mais a expansão das alternativas de ‘qualquer’, o que resulta na possibilidade de apenas se referir a um indivíduo particular. Mesmo com o uso de ‘qualquer’ como adjetivo, encontramos efeitos modais, como a leitura depreciativa e de indiferença/ignorância.

Quadro 1 – Resumo da aceitabilidade de ‘qualquer’

Condições		Qualquer N	Um N qualquer
Genéricas	<u>Sujeito</u>	ok	#
	<u>Complemento</u>	ok	?
Episódicas	<u>Sujeito</u>	#	ok
	<u>Complemento</u>	#	ok

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 1, vemos uma distribuição inversa de ‘qualquer N’ e ‘um N qualquer’. ‘Qualquer N’ tem preferência por sentenças genéricas e só pode ser combinado com sentenças episódicas por meio da modificação feita por uma oração relativa em seu sintagma. Já ‘um N qualquer’ prefere sentenças episódicas e seu uso em sentenças genéricas também está condicionado à modificação feita por uma oração relativa.

Quadro 2 – Resumo do tipo de domínio associado a ‘qualquer’

Condições		Qualquer N	Um N qualquer
Genéricas	<u>Sujeito</u>	Domínio amplo	Expansão de alternativas contida
	<u>Complemento</u>	Domínio amplo ou expansão de alternativas contida	Indivíduo singular ou expansão de alternativas contida
Episódicas	<u>Sujeito</u>	Indivíduo singular	Indivíduo singular
	<u>Complemento</u>	Expansão de alternativas contida	Indivíduo singular

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 2 mostra que ‘qualquer N’ consegue expandir suas alternativas ao máximo quando está em posição de sujeito de sentenças genéricas; em posição de complemento de sentenças genéricas, o tamanho do domínio de indivíduos depende do sujeito usado na sentença; e, em sentenças episódicas, é o contexto em que ‘qualquer N’ tem suas alternativas mais contidas, chegando a fazer referência a apenas um indivíduo.

‘Um N qualquer’, por sua vez, em sentenças episódicas (seu contexto favorito), não consegue se referir a mais de um indivíduo. O domínio de ‘um N qualquer’ pode se expandir, mas apenas em sentenças genéricas, o que ajuda a confirmar nossa hipótese de que o predicado e o contexto sintático-semântico determinam o quanto ‘qualquer’ pode expandir seu domínio. ‘Um N qualquer’, na minha variedade do PB, nunca expande maximamente seu domínio como acontece com ‘qualquer N’.

Quadro 3 – Resumo das leituras associadas a 'qualquer'

Condições		Qualquer N	Um N qualquer
Genéricas	<u>Sujeito</u>	Não-específica	Não-específica
	<u>Complemento</u>	Não-específica	Específica ou depreciativa
Episódicas	<u>Sujeito</u>	Específica	Específica ou depreciativa
	<u>Complemento</u>	Não-específica	Específica ou depreciativa

Fonte: Elaboração própria

No Quadro 3, encontramos também uma distribuição inversa de ‘qualquer N’ e ‘um N qualquer’. ‘Qualquer N’ produz sistematicamente a leitura não-específica. A única exceção é a posição de sujeito de sentenças episódicas. Nessa condição, ‘qualquer N’ gera leitura específica. Já ‘um N qualquer’ produz sistematicamente a leitura específica e/ou depreciativa. No entanto, quando está em posição de sujeito de sentenças genéricas, ‘um N qualquer’ produz leitura não-específica. É interessante notar que a leitura específica com ‘qualquer N’ e a leitura não-específica com ‘um N qualquer’ aparecem quando esses sintagmas estão associados ao tipo de sentença que têm mais resistência — ‘qualquer N’ em sentenças episódicas e ‘um N qualquer’ em genéricas — e em posição de sujeito.

6.3. Interação com a negação

‘Um *operador* é uma palavra ou expressão que se aplica a um sintagma e tem como resultado um sintagma mais complexo.’ (QUADROS GOMES; SANCHEZ MENDES, 2018,

p. 24). Dentre os operadores existentes, há a negação e os quantificadores, como ‘qualquer’. Quando interagem, criam relações de escopo.

6.3.1. *Negação de ‘qualquer N’*

- (88) #Qualquer cachorro não cacareja.
- (89) #Qualquer coelho não bota ovo.
- (90) #Qualquer cachorro não cacarejou ontem de noite.
- (91) #Qualquer gato não foi um animal fofo no momento do acidente de Chernobyl.
- (92) Pesquisadores não estudam qualquer tema.
- (93) Extraterrestres não viajam a qualquer planeta.
- (94) Yuri não participou de qualquer competição.
- (95) Luisa Mell não alimentou qualquer gato ontem.

‘Qualquer N’, quando em posição de sujeito e em interação com a negação, gera sentenças degradadas no PB. Tal resultado independe do tipo de sentença: seja genérica, como em (88) e (89), ou episódica, como em (90) e (91), produzem-se sentenças malformadas na minha variedade do PB.

Em (92) e (93), ‘qualquer N’ está em posição de complemento de sentenças genéricas. Nesse contexto, gera-se ‘qualquer N’ é ambíguo entre duas interpretações. A primeira leitura é de polaridade negativa: (92) pode ser entendida como ‘pesquisadores não estudam nenhum tema.’; e (93) pode ser interpretada como ‘extraterrestres não viajam a nenhum planeta.’. Nessa condição, a negação tem escopo sobre ‘qualquer’. A segunda leitura provém da negação da escolha aleatória. Desse modo, (92) é entendida como ‘pesquisadores estudam um tema específico, que foi bem escolhido.’; e (93) é entendida como ‘extraterrestres vão apenas a planetas que sejam interessantes para eles.’.

Em (94) e (95), ‘qualquer N’ aparece na posição de complemento de sentenças episódicas. As leituras produzidas nesta condição não diferem das encontradas em sentenças genéricas. A sentença (94) pode ter leitura de polaridade negativa, expressando que ‘Yuri não participou de nenhuma competição’ ou pode expressar a negação da aleatoriedade da escolha, indicando que ‘Yuri participou da competição mais importante para a sua modalidade esportiva.’. A sentença (95), igualmente, tem leitura de polaridade negativa em um cenário em que Luisa Mell não alimentou gato algum ou pode expressar que Luisa Mell escolheu o gato que ela alimentou, foi um gato específico.

A negação, portanto, precisa ter escopo sobre ‘qualquer’, quando este está em posição de determinante no sintagma, visto que apenas ‘qualquer N’ só é licenciado em posição de complemento. ‘Qualquer’ cria alternativas que são negadas pelo operador de negação, o que resulta na leitura de ‘nenhum’. A leitura de polaridade negativa deriva do limite imposto pelo operador de negação à expansão das alternativas de ‘qualquer’.

A leitura de negação da aleatoriedade surge da necessidade de restringir o domínio. A negação da aleatoriedade cria uma escala de indivíduos, que podem ser divididos entre melhores e piores opções. Quando se diz que ‘Yuri não participou de qualquer competição, mas do evento mais importante para a sua modalidade esportiva’, restringe-se o domínio de ‘qualquer’ a apenas a melhor opção, indicando também que a escolha não foi feita de forma aleatória.⁸

6.3.2. *Negação de ‘um N qualquer’*

- (96) Um cachorro qualquer não cacareja.
- (97) Um cachorro qualquer não latiu ontem de noite.
- (98) Extraterrestres não viajam a um planeta qualquer.
- (99) Luisa Mell não alimentou um gato qualquer ontem.

Em (96), ‘um N qualquer’ está em posição de sujeito de sentenças genéricas; em (97), em posição de sujeito de sentenças episódicas; em (98), está em posição de complemento de sentenças genéricas; e, em (99), em posição de complemento de sentenças episódicas. Em todos esses contextos, as sentenças geradas pela interação com a negação expressam a não-especificidade do objeto escolhido. Ou seja, a sentença em (96) se refere a um cachorro que possui determinada propriedade que não é comum ao demais indivíduos dessa espécie, que é a habilidade de cacarejar. A sentença em (97) informa que um cachorro específico latiu de noite. A sentença (98) expressa que extraterrestres viajam apenas a planetas específicos, que sejam de seus interesses, por exemplo. Por fim, a sentença (99) indica que Luisa Mell alimentou apenas um gato específico, talvez o de uma amiga.

Diferentemente de ‘qualquer N’, ‘um N qualquer’ não consegue gerar leitura de polaridade negativa na minha variedade do PB. Quando ‘um N qualquer’ interagem com a negação a leitura produzida é sempre de negação da aleatoriedade. ‘Qualquer’ em ‘um N qualquer’ adquire um significado lexical de ‘falta de escolha’, que é negado pelo operador sentencial. O que

⁸ Embora as leituras de polaridade negativa e de negação da aleatoriedade estejam disponíveis com ‘qualquer N’, a leitura de negação da aleatoriedade parece emergir apenas com uma entonação especial. Não desenvolveremos esse ponto neste trabalho, porque é necessário investigar mais esse tema.

acontece nesse caso é que o falante pode avaliar negativamente a liberdade de escolha. Isso porque uma escolha aleatória pode significar descuido ou falta de interesse. Assim, quando se nega a aleatoriedade da escolha, as alternativas são organizadas em uma escala. As más opções (aquelas que são aleatórias) são descartadas, enquanto a melhor opção (a opção que não é ‘qualquer’) é usada para expressar a negação de ‘um N qualquer’.

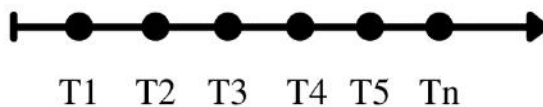
6.4. ‘Qualquer’ em sintagmas adverbiais

A seguir apresentamos dados de ‘qualquer’ em posição e adjunto sentencial. Tais dados confirmam algumas características da semântica de ‘qualquer’ percebidas em outras condições.

- (100) A qualquer momento, o meteoro vai cair na Terra.
- (101) O meteoro, a qualquer momento, vai cair na Terra.
- (102) O meteoro vai, a qualquer momento, cair na Terra.
- (103) O meteoro vai cair a qualquer momento na Terra.
- (104) O meteoro vai cair na Terra a qualquer momento.
- (105) *O meteoro caiu na Terra a qualquer momento.
- (106) O meteoro caiu na Terra em qualquer momento da Era Mesozoica.
- (107) *Um meteoro está caindo na Terra a qualquer momento.
- (108) O meteoro vai cair na Terra a qualquer momento.
- (109) O meteoro vai cair na Terra em qualquer lugar.
- (110) *O meteoro vai em qualquer lugar cair na Terra.
- (111) *O meteoro em qualquer lugar vai cair na Terra.
- (112) *Em qualquer lugar, o meteoro vai cair na Terra.

O adjunto ‘a qualquer momento’ tem bastante mobilidade na sentença, podendo ocupar posições mais próximas ao sintagma complementizador (CP), como (100), ou ao sintagma verbal (VP), como (103) e (104). Nos exemplos de (100) a (104), temos sentenças que expressam futuro. Todas elas denotam um mundo em que um meteoro irá cair na terra em algum momento no futuro. Esse momento no futuro é desconhecido, justamente por ser futuro. Apesar de haver infinitos pontos na linha do tempo disponíveis para a queda do meteoro, só pode haver um momento para esse evento acontecer.

Figura 6 – Ilustração das alternativas de ‘qualquer’ numa linha do tempo



Fonte: Elaboração própria

Os exemplos de (100) a (104) contrastam com o exemplo em (105) e (107). Em (105), ‘qualquer’ não tem alternativas sobre as quais atuar, pois a configuração temporal-aspectual da sentença expressa um único evento específico ocorrido no passado. Em (107), a situação é semelhante. Supondo um cenário em que o meteoro está no céu em direção à Terra, mas ainda não tenha tocado o solo, a única alternativa para a queda do meteoro é o presente, o momento em que a sentença é enunciada.

A expressão adverbial ‘em qualquer lugar’ apresenta, diferentemente de ‘a qualquer momento’, apresenta uma distribuição sintática mais restrita. A única posição em que essa expressão não gera agramaticalidade é a pós-verbal. Apesar dessa diferença sintática, ‘em qualquer lugar’ também pressupõe alternativas; ou seja, informa que o meteoro pode cair no ponto 1, no ponto 2, no ponto 3 e assim por diante.

- (113) De qualquer jeito, Delia arrumou as flores.
- (103’) Inevitavelmente, Delia arrumou as flores.
- (114) Delia de qualquer jeito arrumou as flores.
- (115) Delia arrumou de qualquer jeito as flores.
- (116) Delia arrumou as flores de qualquer jeito.

De (113) a (116), há exemplos de ‘qualquer’ no adjunto ‘de qualquer jeito’. Assim como ‘a qualquer momento’, ‘de qualquer jeito’ tem bastante mobilidade na sentença e pode ser encontrado mais próximo ao CP, como em (113) e (114), ou mais próximo ao VP, como em (115) e (116). O ponto interessante desse adjunto é a variação em sua leitura. A sentença em (113) pode ter leitura de maneira se for uma resposta de teste de constituinte. Por exemplo, uma pessoa pergunta como Delia arrumou as flores, e uma segunda pessoa diz que foi ‘de qualquer jeito’ (113). No entanto, ‘de qualquer jeito’ em (113) pode ter uma leitura de ‘inevitavelmente’,

como mostra a sentença em (113’). Essa sentença poderia ser usada em um contexto em que Delia é empregada de uma floricultura, que tem a função de organizar as flores. Se Délia não organizar as flores, será demitida. A substituição de ‘de qualquer jeito’ por ‘inevitavelmente’ não acarretou diferença relevante de significado.

Em (114), a única leitura disponível parece ser a idiossincrática do tipo ‘inevitavelmente’. Em (115), a leitura de maneira é mais sobressaliente, mas é possível alcançar a leitura de maneira por meio de alteração na entonação. Por fim, em (116) a única leitura possível é de maneira.

(117) Qualquer dia a gente se vê.

(118) Um dia qualquer a gente se vê.

Em (117), temos a ideia de que em um dia ainda a ser escolhido duas pessoas vão se encontrar. Em (118), por outro lado, a leitura que se obtém é a de que duas pessoas vão se encontrar em um dia comum. Embora em ambas as sentenças o dia do encontro não seja determinado, (118) obrigatoriamente apresenta uma noção de que o dia do encontro não será especial.

Esses dados mostram uma certa tendência de assimetria tal como se encontra em relação às posições de sujeito e complemento. No caso do adjunto ‘de qualquer jeito’ a leitura de maneira está disponível apenas quando o adjunto está próximo ao VP. Para ter leitura de maneira em posições mais altas ou ter leitura idiossincrática em posições mais baixas, é necessário que haja alguma alteração na entonação padrão da sentença, de modo a focalizar ou topicalizar o adjunto.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia, apresentamos um mapeamento das leituras do indefinido ‘qualquer’ no PB. Ademais, seguindo a proposta de Kratzer e Shimoyama (2002), analisamos a semântica de ‘qualquer’ como a de expansão de domínio. Apesar da existência de duas configurações sintáticas distintas – ‘qualquer N’ e ‘um N qualquer’ –, defendemos a existência de apenas um item ‘qualquer’, que oferece a mesma contribuição semântica em todos os contextos.

Identificamos que as leituras associadas a ‘qualquer’ estão relacionadas ao predicado em que esse item está inserido. A leitura não-específica de domínio amplo foi encontrada apenas em sentenças genéricas quando ‘qualquer N’ ocupava posição de sujeito. A leitura não-

específica de expansão de alternativas reduzida foi encontrada relacionada a ‘qualquer N’ em posição de complemento de sentenças genéricas e em posição de sujeito e de complemento de sentenças episódicas; e foi relacionada a ‘um N qualquer’ apenas em posição de complemento de sentenças genéricas. A leitura de indivíduo singular foi encontrada sendo veiculada por ‘qualquer N’ em posição de sujeito de sentenças episódicas; e veiculadas por ‘um N qualquer’ em posição de sujeito e complemento de sentenças episódicas.

Sendo assim, independentemente do tipo de sentença ou da posição sintática (sujeito, complemento ou adjunto adverbial), ‘qualquer’ sempre tem a mesma leitura. ‘Qualquer’ precisa expandir suas alternativas, mas só consegue realizar tal operação da melhor forma em posição de sujeito de sentenças genéricas. Quando ‘qualquer’ aparece na configuração ‘um N qualquer’ e em predicados episódicos, sofre mais pressão do predicado para não se expandir. É interessante notar, que justamente nos contextos em que qualquer não consegue expandir suas alternativas que surge a leitura depreciativa, por exemplo.

A leitura depreciativa foi encontrada apenas em ‘um N qualquer’ em posição de complemento de sentenças genéricas e em posição de sujeito e de complemento de sentenças episódicas. Essa leitura parece ser derivada pragmaticamente. O falante tem estratégias para expressar ignorância, como o uso de ‘algum’. Quando se usa ‘um N qualquer’ para tal função, o cálculo feito é de que não houve escolha. Essa ação pode ser avaliada negativamente, produzindo, assim, a leitura depreciativa.

Vimos que ‘qualquer’ seleciona indivíduos, como visto na oposição e predicados distributivos e coletivos. Quando tal requisito não é atendido, ‘qualquer’ torna a sentença agramatical ou gera leitura especial de grau. Assim, podemos concluir que ‘qualquer’ tem uma semântica regular, mas o contexto sintático-semântico em que está inserido pode alterar alguns aspectos da sua significação.

Com este trabalho, conseguimos contribuir para a descrição do nível semântico do PB. Além disso, oferecemos um mapeamento mais extenso dos que os que já haviam na literatura, em que observamos ‘qualquer N’ e ‘um N qualquer’ interagindo com variáveis como o tipo de sentença, posição sintática (argumental e não argumental), negação, predicados coletivos, predicados distributivos e nomes massivos. Fizemos uma análise qualitativa dos dados a partir da nossa introspecção.

A descrição e análise feitas neste trabalho foram apenas o primeiro passo para o estabelecimento de uma semântica para ‘qualquer’. A próxima etapa deste trabalho é justamente oferecer uma explicação para a semântica de ‘qualquer’. Nesta análise, conseguimos identificar as

leituras produzidas por ‘qualquer’. Com isso, pudemos perceber que as alternativas, a expansão de domínio e a restrição de exclusividade são características bastante definidoras de ‘qualquer’. No entanto, ainda é necessário formalizar tais intuições. Além disso, questões de escopo não foram tratadas nesta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASOVEANU, Adrian; FARKAS, Donka F. Indefinites. *In*: ALONI, Maria; DEKKER, Paul (eds.). **The Cambridge Handbook of Formal Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 246–283.

CARLSON, Greg N. A unified analysis of the English bare plural. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, n. 3, p. 413–457, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00353456>.

DAYAL, Veneeta. Licensing by modification. **Ilha do Desterro**, v. 47, p. 217–238, 2004. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>.

LEWIS, David K. **On the plurality of worlds**. Oxford: Blackwell, 1986.

GIANOLLO, Chiara. Latin *aliquis* as an epistemic indefinite. *In*: CHIRIACESCU, Sofiana, (ed.). **Proceedings of the VI Nereus International Workshop ‘Theoretical implications at the syntax/semantics interface in Romance’**. Konstanz: Arbeitspapier 127. Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz 2013, p. 55–81.

VON FINTEL, Kai; HEIM, Irene. **Intensional Semantics**. Cambridge, MA: Springer, 2011.

HASPELMATH, Martin. **Indefinite Pronouns**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

QUADROS GOMES, Ana Paula. **O efeito grau máximo sobre os domínios: como ‘todo’ modifica a relação argumento-predicado**. 2009. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

QUADROS GOMES, Ana Paula. **‘Todo’, ‘cada’ e ‘qualquer’**: exigências sobre a denotação nominal e a verbal. 2004. 405 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

QUADROS GOMES; Ana Paula; SANCHES MENDES, Luciana. **Para conhecer semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

KRATZER, Angelika; SHIMOYAMA, Junk. Indeterminate pronouns: The view from Japanese. *In*: OTSU, Yukio. (ed.). **The Proceedings of the Third Tokyo Conference on Psycholinguistics**, p. 1–25, 2002.

LEGROSKI, M. C. **Todo, qualquer, cada**: uma proposta de análise semântica. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

MÓIA, Telmo. Aspectos da semântica do operador *qualquer*. **Cadernos de Semântica** 5, p. 1–46, 1992.

PARAGUASSU-MARTINS, Nize; MÜLLER, Ana. A distinção contável-massivo e a expressão de número no sistema nominal. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. esp., p. 65–83, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502007000300006>.

PARTEE, Barbara H. Formal Semantics: Origins, Issues, Early Impact. *In*: PARTEE, Barbara H.; GLANZBERG, Michael; Škilters, Jurgis (eds.). (2011). **Formal semantics and pragmatics: Discourse, context and models**. The Baltic International Yearbook of Cognition, Logic and Communication. Manhattan, KS: New Prairie Press, 2011. p. 1–52. DOI: <https://doi.org/10.4148/biyclc.v6i0.1580>.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Qualquer e o conceito de livre-escolha. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 21, n. 2, p. 251–277, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000200005>.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Refletindo sobre a escolha livre. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 52, n. 2, p. 197–212, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v52i2.8637189>.

VENDLER, Zeno. Each and every, any and all. *In*: VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, London: Cornell University Press, 1967. p. 70–96.